

A ORDEM

PERIODICO NOTICIOSO, CRITICO E LITTERARIO.

PROPRIEDADE DE JOAO BELISARIO JUNQUEIRA.

ANNO 1

Aracajú 19 de Fevereiro de 1879.

NUMERO 2

A ORDEM

Aracajú 18 de Fevereiro de 1879.

Apresenta-se o «Raio» em seu n.º 14 descolando em suas columnas editorias uma questão meramente individual e de exclusivo interesse pessoal.

Releva dizer, que a sua redacção é talvez a unica a dar-nos tão triste exemplo, desviando a imprensa do fim nobre a que devem encaminhar-se seus infatigáveis e zelosos cultores.

Pois é questão de que se deve occupar o redactor do «Raio», nas columnas exclusivamente suas, essa que se agita entre o Sr. Antonio Fernandes e seu irmão?...

«Certamente não».

As columnas editorias de um jornal são sempre reservadas a assumptos, em que o bem publico, os interesses geraes se exhibão, reclamando a justiça de que foram, porventura, prejudicados.

Desde porem, que a sua redacção, mantendo o que ha de melhor em suas prerogativas, interna-se em questões pessoais, o jornal da que é órgão, não pode disputer um lugar distinguído de honra da opinião publica, porquanto o seu caracter-se no acatadissimo recado, proprio da misquinha da causa que subtaça.

Tal é o «Raio».

O facto que aqui nos importa a mais completa negação dos principios em que deve mover-se a mais evidente prova de que a mesma é luz, sendo por motivos de necessidade, a mesma mesma de ordem muito inferior ao que deve presidir a criação de um jornal.

Nesta sancta terra não oia a qualquer tentativa de demonstração, porque o publico sabe que a typographia do extincto «Jornal do Povo» foi comprada pelo Sr. Antonio Fernandes com o fim expresso de fazer publicar um jornal, tendo por unica e determinativa razão, a de servir o que deve com seu irmão. Isto é um facto, e facto não se demonstra.

Não se recomenda melhor o «Raio» pela sua linguagem inequívoca, linguagem que repugna ao leitor desprecioso e desaxionado.

Ja se vê que o «Raio» é o menos competente para apostrofar-nos.

A «Ordem» não é inspirada sinão em principios muito legitimos, e não tem fim algum especial, da natureza d'aquelle, que produz o «Raio».

Ella se define como devesa, e tem-se fi que não desmentirá nunca o seu programma.

Com que fundamentos, pois, vem o redactor do «Raio» dizer que a «Ordem» é dos sr. Fralho e Vianna?

Poderia-se o estabelecimento typographico em que ella se publica, sendo trevas em seu prospecto o nome do proprietario deste estabelecimento.

Mas se assim acontece, como se poderá crer na asserção feita do «Raio»?

A redacção, esta não, que é nossa; exclusivamente nossa, e na qual não tem a minima parte, nem o Sr. Inspector da Thesouraria da Fazenda, nem o Sr. Vianna.

Por ultimo fique sabendo o redactor do «Raio» que a «Zorra» embora publicada na mesma typographia onde se imprime a «Ordem», tem a sua autonomia propria, absolutamente independente da redacção deste Jornal, e que nem o «Papa Moscas» nem o «Moirão» de onde deduzio a relação ou o contacto dos dois, tem referencia alguma a elles.

Não temos culpa que o redactor do «Raio» não comprehendesse o sentido epigrammatico da quadra que este jornal accellou entre as publicações a pedido, com as quaes nada tem que ver a sua redacção.

NOTICIARIO

VAPOR—Chegou hontem dos portos do Norte o vapor *Penedo*, com destino á Bahia.

TROCA DE JORNAES—Recebemos o *Americano* e a *Fraternidade*, jornaes que se publicão nesta capital, redigidos por habilitissimas pennas.

Si devemos agradecer aos illustres contemporaneos a promptidão com que accorreram á troca, não devemos agradecer-lhes menos o ao contrario mais; e horados o reconhecidos as palavras de animação que não dirigiram envoltas em uma bondade tal, que não pôde ser senão o echo do dilectissimo dos illustres redactores, em relação a quem, como nós não está no caso de creditos como um acto de justiça.

COLLABORAÇÃO

Resposta que morde a cauda

Devido da resposta do sr. João Fernandes da Silva Vianna á aggressão do sr. Antonio Fernandes, juliamo nos dispensados do compromisso que contrahimos, de proseguir na analyse da questão, certos de que, não o podemos fazer sem resultados.

Resposta do sr. Vianna argumenta com a reputação e preza da convergência de seus actos, não deixando na lá de seque acerca dos suppostos fundamentos, em que o sr. Fernandes pretende firmar um direito, que não adquire.

Mas não é esta a questão, que mais de va preocupar o espirito publico, sendo aquella da qual resulta, á vista das palavras do sr. Fernandes, que a obra do quartel de 1.ª Bahia não foi feita de accordo com o orçamento a que os lucros do mesmo actante não foram licitamente havidos!

Ahi, o sr. Fernandes não foi menos infeliz, porque o sr. Vianna, além dos documentos que exhibiu, documentos que não admittem a minima contradição, soube prendê-lo em um círculo, do qual não poderá sair, sem sacrificio da propria honra.

Não ha salvação possível para o aggressor, quando o aggreido em vez de ir buscar novos e pavorosa duvidosos factos, para defender-se, serve-se das proprias e maliciosas armas, que lhe fornece o adversario.

Foi o que fez o sr. Vianna, e foi-o de modo, a esmagar o sr. Fernandes sob o peso de uma logi-

ca irresistivel, deduzida de suas mesmas proposições.

A respeito do sr. Vianna, deve, pois, o publico estar satisfeito.

E agora cabe-lhe a vez de voltar-se para o sr. Fernandes, exigindo-lhe contas do seu procedimento, cujo fim tão injusto, quanto incerto o resultado, era aniquillar o seu irmão e com elle o digno inspector da thesouraria da fazenda.

Mas a verdade é uma, unica e indivisivel. Ella que se apresenta, innocentando aquelles a quem malvolumente se attribuiu a autoria e exemplificada de factos deprimentes e injuriosos, e sobre tudo altamente prejudiciaes á reputação de um funcionario publico.

Venha agora o sr. Fernandes desmentir os attestados do commandante da companhia de infantaria e do engenheiro fiscal da obra do quartel de Bahia, dos quaes vê-se que ella foi feita de accordo com o orçamento, e sem a minima falta.

Venha dizer-nos com que fundamentos assegurava que o respectivo contractante auferiu um lucro de 8.000.000 rs. n'aquelle obra, e em que firma o seu direito á metade d'elle.

Responda-nos ainda como é que attribuiu-lhe os lucros á origem illicita, dizendo-o mal adquirido, pretende ao mesmo tempo partilha-lo, á despeito do aprego em que tem a dignidade e honra, com as quaes não se transigir.

Diga-nos finalmente, si é aos seus esforços, aos sacrificios que fez com o suor da sua rosto como diz, que o sr. Vianna deve os referidos lucros, que alias não esperava ter, ou se com effeito os deve á escandalosa protecção do sr. Fralho, como ao mesmo tempo pretende fazer crer.

Pois não vê o sr. Fernandes que, como que se estabeleça um raciocinio calmo, isento de paixão, as suas imputações, principalmente a respeito do sr. inspector da thesouraria da fazenda, se desfazem como folhas expostas ao ar?

Consideremos um pouco sobre este ponto.

A pesar das flagrantes contrafacções em que a cada passo surprehendemos o sr. Fernandes, cremos que elle não negará, pois que fica o proprio a revelar, o facto da haver procurado a interferencia do sr. inspector, para haver de seu irmão o que elle se recusava dar-lhe.

O sr. Fernandes é ainda quem diz, que nesta occasião manifestara a sua ultima resolução, caso não sortisse bom effeito este recurso, que tentara, como unico meio de acabar pacificamente a contenda. O sr. inspector, apesar disto, recusou-se formalmente ao pedido ameacador do sr. Fernandes.

Ora, eis ahi o que não faria aquelle, que dardasse um pouco de solidez da sua reputação, assim ameacada de um perigo imminente.

Devemos, portanto, crer que, si o sr. Inspector da Thesouraria não tivesse limpa a sua consciencia, em vez de conservar-se em uma neutralidade que, sem duvida viria a ser-lhe funesta, cedoria da melhor vontade ás instancias do sr. Fernandes, certo como devia estar, do bom resultado da sua intervenção, para com aquelle, que sendo seu complice, corria o mesmo perigo.

Em tais conjuncturas estamos certos que a sr. Fernandes tiraria todo o partido, aproveitar-se-ia, como melhor lhe apossasse, da desvantajosa posição do sr. inspector, que no sentido de evitar o escandalo, prestar-se-ia á todas as exigen-

eias do sr. Fernandes, com tanto que o publico continuasse illudido a seu respeito.

Sim; vamos admitir que o sr. Fialho, cego, pela ambição de adquirir, por meios reprovados, uma fortuna, que estava desesperado de alcançar por meio do trabalho lícito, si deixasse escorregar pelo deche do crime.

Poderia elle pizar com firmeza neste terreno, affrontando as recriminações de sua propria consciência a apontar-lhe o seu erro, a exprobrar-lhe a facilidade com que sacrificou a um sentimento torpe, o seu presente e o seu futuro, desmentindo ao mesmo tempo as glorias do seu passado, a tanto custo conquistadas?

Não; quem quer que assim procedesse, o seu espirito curvar-se-ia abattido e acobruilhado aos influxos de suas proprias reflexões.

Agora, si nesse estradar desviado, surgisse um sombra implacavel, terrivel e ameaçadora, como surgiu diante do sr. Fialho o sr. Antonio Fernandes, onde a precisa coragem para reagir? Quem é que não daria tudo quanto houvesse adquirido illicitamente, e, si necessario fosse, mais alguma coisa de suas economias, com tanto que conseguisse prevenir o incendio, prestes a ateiar-se?

Entretanto, vê-se que o sr. Inspector procede em sentido contrario, recusando-se obstinadamente intervir na questão dos dois irmãos; logo o sr. Fialho nada tem a recear do sr. Fernandes.

E essa tranquillidade, essa firmeza de vontade e de acção, certo que não se poderá attribuir a um espirito, que vive assallado de temores, ainda que vagos; mas á uma consciencia que descança na honestidade e interesse de seus actos.

Por si só, estas considerações offerecerão sufficiente base para o pronunciamento da opinião publica em favor do sr. Inspector, si o sr. Vianna no desenvolvimento da questão, por occasião de responder ao sr. Fernandes, não se pronunciasse de maneira a retirar a menor sombra de duvida, que porventura demorasse em alguns espiritos, publicando documentos que esclarecem e illustrão a questão de modo a mais não se poder desajar.

Concluindo, repetiremos — o publico deve estar plenamente satisfeito com a resposta do sr. Vianna.

Paroxismos do « Raio »

Nunca o desespero de causa produziu mais desastrosos effeitos, nunca a razão attingio mais pressurosa e mais precipitada ao auge do desvalimento, como na occasião em que, em suas columnas editorias « o Raio » n. 14 tentou um esforço supremo, inaudito, no intuito de oppor uma controversa á ligeira analyse, em que cremos ter mostrado, á luz da evidencia, as contradicções e absurdos do sr. Antonio Fernandes, na questão suscitada com seu irmão.

Dahi resultão as difficuldades invenciveis, que se levantarão diante do redactor do « Raio » a quem o sr. Fernandes alheiou sua causa.

E' este o unico testemunho que nos dá o seu artigo, visto como em seis columnas, que teve ao seu dispor e as quaes effectivamente occupou, nem uma argumentação foi capaz de produzir, de modo a apparentar, ao menos, as incoherencias do sr. Fernandes.

Entretanto em dizer que o collaborador deste jornal « alem do parecer ruivo, deve receber dinheiro pelo artigo com que se apresentou encorregando-se da defesa de uma causa perdida ».

A que vem a « ruiver » do collaborador e queixanlas banalidades?

Quando ao seu interesse, por ventura não estaria n'uma proporção menos vantajosa, menos lucrativa que a do redactor do « Raio ».

Pois se um collaborador ganha na razão de dez, porque não ha de um redactor ganhar na razão de cem?

Se quizessemos perder tempo, illudindo a attenção publica com represalias taes, de certo que não nos faltaria materia, e haviamos fazel-o, com sobeja vantagem; mas de nenhum modo convenimos abandonar o lado serio da questão para descermos, á essas puzirridades, que, se alguma coisa significão, é a impotencia dos esforços empregados para a salvação de uma causa condemnada.

Tudo mais quanto se lê no estrado artigo do que nos occupamos é a monotona reprodução da mesma historia, accommodada a um systema de accusação, que não deixa de ser irrisorio.

Por exemplo, suspiça-se de um facto, para o qual tivesse concorrido o inspector da thesauraria de fazenda, mas não se declara os motivos dessa suspiça, não se esclarece o facto, e entretanto censura-se esse funcionario, porque não vem apresentar as provas da sua innocencia!...

Pois si não ha uma razão, que na ausencia de prova legal, constitua ao menos o que se chama prova moral, ou si pelo menos ella não se declina, se o facto não se esclarece, como ha de o accusado devasar a intenção occulta do accusador, para defender-se?...

Por isso diz o « Raio » — « Não diga o collaborador do sr. Fialho que o sr. Fernandes quer nodal-o, isto dito assim não passa de expressão vaga, transcreva esses recibos essas folhas de operarios das obras administradas para o publico, entrar no conhecimento da verdade e conhecer a innocencia do sr. Inspector ».

Isto dito assim, é que não passa de expressão vaga. Antes que o sr. Inspector transcreva os documentos a que se refere o « Raio » não compete a este declarar o que ha respeito d'alles? senão o faz, como hade o publico, na ausencia do erro, entrar no conhecimento da verdade?

Eis como o redactor do « Raio » leva a sua improba tarefa ao ponto de avançar uma proposição, diante da qual, ao mesmo tempo recua, quando reflecte um pouco nos perigos a que se vai expor.

Em ultima analyse perguntaremos: deve o funcionario publico estar á mercê de quem quer que aventure uma proposição daviada, indeterminada e vaga sobre documentos, que transitão por sua repartição?... deve curvar-se á exigencias ab surdas e maliciosas de quem, obedecendo a sentimentos menos legitimos, procura abalar-lhe a reputação, quando o publico não lhe nega os factos a que tem feito jus?

Que posição precaria não seria esta? Onde nos conduziria um principio semelhante?

O « Raio » cava um abismo fundo, é verdade; mas onde é elle o proprio a precipitar-se.

Temos fé, porém, que melhor aconselhado, não tardará a retractar-se da tudo mais, como já se retractou a cerca do exm. vice presidente da provincia, relativamente á questão da pintura de palacio.

Tanto importa dizer hoje « que s. ex. foi illudido em sua bôa fé pelo inspector da thesauraria, por occasião da abertura do respectivo credito » quando outr'ora disse em seu n.º 10 de 21 do p.º que « s. ex. tomou a si o peso da responsabilidade do elevado credito d'aquella obra, sem que os competentes officios dirigidos ao sr. inspector da thesauraria de fazenda fossem escriptos em sua secretaria, porque obrando de má fé quiz occultar o seu procedimento inconveniente aos empregados de sua repartição, talvez mesmo antedatando o acto ».

Se entretanto o « Raio » pronunciando-se assim, ferio com grave injustica o caracter do distincto Administrador, hoje, reconhecendo seu erro, corrige-se d'elle, por meio da mais solenne retractação, embora fique mais sobrecarregado a victima, para quem convergem os raios viscaes de sua malignidade.

Ha de chegar, porém, sua vez, embora o redactor do « Raio » alimente tanta prevencão em seu espirito a respeito do sr. inspector da the-

sauraria que « ainda quando este publique os documentos, que provem a sua honestidade, deva sempre ser considerado, como mau empregado, não podendo sobrestar qualquer conclusão desfavoravel á sua dignidade e ao bom conceito em que devia ser tido, » porque o redactor do « Raio » fallou!...

Neste caso, que vantagens podem resultar da publicação solicitada pelo « Raio »?

Será melhor, em vista disto, que o sr. inspector conserve-se no silencio, uma vez que perdas ou per neças ha de ser necessariamente mais, e espere que o redactor do « Raio » cedendo um pouco de sua infallibilidade, queira suspender-lhe o interdito, procedendo a seu respeito como procedeu a respeito do exm. vice presidente.

Um unico favor pedimos ao « Raio », é o de não fugir das questões, preferindo explorar-se no terreno de insultos, pois nestes termos havemos caminhar sempre em direcção diametralmente opposta, com prejuizo do que de util possa resultar da discussão.

Correspondencia.

São Christovam 12 de Fevereiro de 1876.

Quem to a inspiração grandiosa de Gontenberg arguesse intencionalmente a humilhada marty, a gloria da sua causa não tarda.

Bem haja a — eadem —

Bem haja a doce filha da imprensa moralisada, que vem em nome dos santos principes da justiça e da honra, livrar o seu padroado sempre contra os vis doctos e calumnias que a longo das carreiras desigualmente impressos em um triste e calaverico seminario, que se publica na capital da provincia. Oh sim, bem haja a quella, que preserva os sentimentos da dignidade e da honra, apresentando ante a honrada mundo com a viscira erguida, chamando pela innocencia das accusações e insistendo a erradicação dos accusadores.

E' ante a ingenuidade liberal da opinião publica que ella deve apresentarse soberana, aberta, com a linguagem sentida da verdade, abalar a voz governosa do mal que, banalmente desmentir hamos honrada e dignidade, não se importando, no tanto do proprio abismo que elle cava, sepultar o seu nome e o seu poder vital.

Desgraçada estrada é a quella, da fé e honra, deixando-se dominar pelo grupo da pervercidade, vai de abismo em abismo, até á ultima inutilidade.

Tais entes, se não são a entidade da verdade desarmada e livre, deita-se sobre a travessia, são as milhoadas calumnias da honra alheia, que já não tem mais coisa alguma da sagrada a zelar na sua propria reputação, ferem a humilhado que se afasta do seu emblema a assassínio moralmente daquellas, que não pactuão com a sua badmahi.

São tristes e humilhadas as quellas que se nos apresentam carregadas de tão negras cores.

E' degradante e cynico o papel dos principaes actores d'esses dramas da horror, que se hem impressos de um prelo corrompido.

Aqui é um irmão ingrato, que fazendo a pessoa com o ferro do assassino, atira-se no caminho do erro imperdoavel, procurando esculpar com suas proprias mãos o nome, a honra, o passado e o presente de seu proprio irmão.

Caim desnaturalizada, ella aponta as furias a honra do seu irmão, para ser vamente despojada, e mais audaz que todos, elle, em que coação pequena já tem desapparecido todos os sentimentos grandiosos, é o primeiro a reagir com a arma convenenada da calumnia a reputação d'aquelle, que por longos mezes lhe ostendia a mão, livrando-o das garras da adversidade e da indignidade talvez.

Honrem, grandiosa obra de Deus, como desce a como te degradas!

Um pouco afastado desse quadro horrível de miséria, distante um pouco dessa scena luctuosa, que se passa, para vergonha da humanidade, com cada penna, com a qual cobro do lábio o nome de seu irmão e, fazendo essa entrega, alqueire um seguídor violento e atabalhoado para a continuação da sua obra de perversidade.

O machinismo da columna atroz está em movimento!

Já não é um irmão maléfico, que despedaça em plua para publica os sagrados laços de sangue, são duas víboras que cospem a affronta ante a face de um funcionario publico, de um cavalheiro distincto, que, pela nobreza dos seus sentimentos, pela pureza dos seus costumes e por sua honestidade reconhecida, está superior ás suas vis cidades.

Debalde trainais, almas pequenas e gastas: e publico já de longa data vos conhece.

Superior ás vossas calculos, está a verdade dos factos; acima das vossas projectas criminosas, vela a opinião publico e a consciencia dos verdadeiros homens de bem.

O que tendes feito até agora?

Acreditais por acaso que se vos prepara um pedestal, onde um dia sentireis a mão da historia collocar sobre a vossa fronte a grinalda da victoria?

Não.

Quem faz da penna a arma do assassino, quem converte a filha mimosa de Guttenberg na disoluta das praças publicas, quem insolda a probidade o a honra, não merece a gratidão de um povo, nem os applausos dos homens sensatos.

Para os detractores da honra alheia, para os pobres de sentimento, ha apenas o desprezo do mundo e o recuo da contagio, que é o peor das castigos.

Bem haja a Ordem—que falla em nome da verdade e da justiça; bem haja o paladão que alçando-se aos mares da immensa, assume o defensor de uma causa justa, o que em breves dias hão de ver o rosto dos pés caído e de rastos o vultuoso da perversidade e da calumnia.

Examinem-na.

TRANSCRIÇÃO

As duas cidades.

THEÓPHILO DA SILVA MENDES LEAL.

Paris

PARIS

Tolosa

Devotou-me um irmão. Romage na honra? Contente a ser em paz, sou livre, sou Paris! Sou, e não a grimaldei por tributo a França. O meu juramento queira fazer como eu fiz!

Ben! fides restaura, meus theatros e templos. E n'os ergo já, que desses rivas são: Provado meu valor e a mil e mil exemplos, Os diamas que lastima em breve esquecerão.

TOLOSA

Escutem-me, Paris. A rigidez é ciosa Quando os animos tacia incerto mortal. Isto so, se, dize, Paris, eu sou Tolosa! Tenho um crepe na fronte, e no seio um punhal.

Aos ferteis meus vergais toda enlevoa sorriso; Sorria-me o lavor das fartas povoações; Meu rio o seu canal por servo me trasia; Dos nivos alcantos ceçavam-me os clarões.

De repente—oh! pavor!—na margem deleitosa, Qual aqua que desceu, qual riu que fulgia, Vivendo assoma a cheia, estoura a frema irrosa, E ao peso da levada a varzea se afundia.

Viste o incendio, Paris!—Das chamas a espessura Converte uma cidade em horrida visão, Vulcão rubido agora, e logo cinza escura! Ouço... Mas ali do homem vê-se a mão,

Vê-se o homem, cruento e malfeitor, mas homem Onde quer que rufte a claridade atroz, Seja o nome qual for que as labaredas tomem. Ao menos d'homens são. Vem d'homens como nós.

Parém a inundação, a vaga embravecida, O ven a derreter-se, o monte a degelhar, Sordido sem fundo e pego sem medida. Que anonymo se esvae em tenebroso mar!...

Do homem nada aqui, nem sequer seus furios! E mystério que só a Providencia lê! E' lra condico das naturas horrores, Que vaa onde lhes praz, e não dizem porque.

Que ha senão lagr? Fogo tudo assestado? Mas o cachão, não puzemos, avança, avança, avança! Traga o que tepe, e navega, a um lado e outro lado. As casas, que sepulta a noite e a corragia.

Nem lra, nem puz, nem lra! Decebe o flagello ingente O diluvio fatal, não impado fletor! Cinge a cidade miera em rastos de serpente, E a estroica e a desvencas os misticos do aucto mite.

Esse horror contempli. Vi milés já sem marido, E os orphãos, que a desastre a cada passo auz! Os meus theatros e no rastos, meus templos, E vi o beneficio apoz a antepulcra.

Concepção, com que amor, deesse reficando posto! No-ros guerreros vao merces pelear! Seus cheles vi correr, meus nans, fime o rosto, E morrer um heroe para um heroe livrar.

A ellitade accorre, e cumpre o dever, todo! Mas heilha o sacrificio onde o estrago mais ruel! E o que supremo está no gran e no demodo. A quem lue diga: vass?—respondera: ja fui!

Paris, nada te peço. Encara-me somente. A misera d'alguns eria, aos mais um dever. Rara tel, pobre estou. Deus te guarde Clemente! Saberei nesta dor penar sem me abater.

PARIS

Ben. Voltou-me ao que sou esse justo! queizime! Prompta me rendo a quem se coga efficto. A mim! Das lucturas apoz quando intanto o costume, Se a bocca disse: não, o coração diz: sim!

Toma, toma este oiro, e cessa o teu cuidado! Oiro das males meus, que aos teus pertence já, Oiro do meu lular, que ficara medrado; Oiro de mea fruir, que puro ficara.

Ruão tensi, mas agora ao lucto vosto a esperança. Rija embora o porvir, commigo conta irad. Quo duas somos eris! Não, mais: somos a França. E o tempo do egoismo e ja memoria vã.

Apoz os dias meus, reffeitos das procellas, Firmemos mais o mais o fraternal amor; E as victimas contado, nas fros labios d'ellas Os nossos lujos d'alma unamos com fervor.

VARIEDADE

A cara d'elle

Cossa celebre! Parecia-se com a cara de todas, menos com a sua a cara d'elle! Isto desconsolava-o. A principio pensou furtar-se a esse destino extravagante, que o trazia em permanente qui pro quo com a humanidade inteira, e consultou, conjunctamente com o espelho, o mestre barbeiro que bi-semanalmente lhe osanhuava os queixos.

—O sr. tem uma barba bellissima, que não se confunde facilmente com outra. Não lha deve ficar mal... Porque a não deixa crescer?... —Deixo.

—Ora experimente

—Pois então experimento.

Mezes depois havia-se transformado prodigiosamente a cara do homem em um montão desforme de cabellos!... Aquillo não era cara de gente, era uma vasta ceara de barbatanas, grossas, crespas e lusidias: um ourico!

Tal era a maneira porque se havia desfigurado.

Os amigos paravam de subito, passavam do vol-o assim e exclamavam:

—Parce outro.

—Que minge.

—E um philosopho.

—Um porta-machado.

—Um sabio da antiguidade.

—Um perco de espelhos!

Outros volvam:

Que horro, que espanto, que barbas...

Assombrado e atordado contiveram-se, convencidos de que nascera effectivamente prodigioso para não ter cara propria...

—Peto, bem, pensou um dia; confundem-me pelas feições? Distinguir-me-hei pelas acções.

E foi procurar na pratica da caridade as suas alegrias que ella derrama nas almas instinctivamente propensas ao bem.

Fecso philanthropo, mas legitimo e não dos que eripostão a quarenta e oito, que são indecizmente os que eu contieço mais de perto.

Soffia por esse tempo a miserrima classe pascatoria todas as riguras da inclemente averseira, que ia tormentosa, e a privava do arduo exercicio da agricada industria de que vive, se aquillo é viver!

Soube disso, e cilo que ali vai percurrendo as povoações costeiras. No caminho encontra, algum que lue disse de passagem e á distancia:

—Vai para a cidade?

—Non.

—Pois então apressa o passo, que já lá é esperada.

—Obrigado.

E o homem das barbas, suppondo que já havia chegado á cidade a fama de seus feitos, sentiu-se lisonjeado e esportou de impaciente o macho que o conduzia.

Não o enganara effectivamente o desconhecido. Elle é que se illudira na interpretação do sentido do aviso. De facto era esperado na cidade, não por philanthropo, como suppunha, mas por assassino e por ladrão!

Ladrão!...

Mal o apanharam lá, deram-lhe fogo voz de preso e metteram-no entre uma escolta e que o guardava já de armas engulhadas, prompta a fazer fogo á primeira voz sobre o facinora, caso elle resistisse.

Ora o homem das barbas, coitado, não resistiu, resignou-se: aquillo era a sina d'elle!

A cara, o trage, o proprio macho em que montava, combinavam-se de maneira diabolica em tudo com os signaes de certo bandido que a policia perseguia.

Não lha foi facil coisa o justificar a identidade de pessoa. Sofregos de servirem á real contento as autoridades, querião-no a todo o custo assassino famigerado e não levavam á paciencia, que houvesse sido illudida a sua perspicacia official. Finalmente convenceram-se, mas depois do pobre homem, da philanthropica creatura, ter soffrido tres extensos dias de cadeia, no segredo, carregado de ferros e a pão e agua!

Quando saiu de lá não parecia o mesmo. Era um desenterrado!

Estava furioso. Deu o diabo ao conselho do barbeiro, e mudou de projecto, deixando apenas um farto bigode.

Passou de porta-machado a cabo da municipal. O seu todo era marcialissimo. Dil-o-iam um legitimo galanteador de creadas de servir e amas de leite. Os amigos davam-lhe os para bens pouco, e elle, coitado, sentia-se mais satisfeito, sobretudo muito mais aliviado do peso das barbas que lha affoctavam a cara.

Estavam as cousas n'esto estado, quando n'um bello dia presente que o amam. Certa alma, que não conhece, faz-lhe variadas visagens por detras das persianas da janella, n'um quarto andar; visagens a qua elle corresponde, traduzindo

do-as, a seu gosto, em expressões ternissimas de affectuoso amor.

Encantado pela aventura, prosegue no galanteio. Tres dias depois, offerecem-lhe uma entrevista. Oh! felicidade. Com que alvoroço elle a aceita de braços abertos. A hora aprazada senta-se alado ao Eden de uma Eva, na mansão mais proxima do firmamento azul do ceu—no quinto andar! Presente que se lhe vai entreabrindo a porta d'aquella habitação de fadas, e, radioso de felicidades phantasticas e inebriantes, mal expelle um chiado suspiro d'alma!

A Eva, porem, que não esperava encontrar-se com um Adão que não era do seu conhecimento. Mal elle se aproxima, todo risonho e sensivel, expede um assustadico, e si! que não é o meu Joaquim, e dá-lhe com a porta na cara, dizendo-lhe toda enleada e afflicta através da cancella.

—Queira perdoar, sr. tomei-o por outra pessoa e illudi, sem querer o seu coração.

—O' minha senhora, esses equívocos são imperdoáveis. Se não vê bem penha oculos, tuas não faça subir a gente á uma altura d'estas.

—A semelhança é realmente tão famosa como foi cruel o desengano.

—Mas....

—Queira desculpar... Com sua licença.

E feclou a porta de todo, deixando-o na escuridão.

—Ora está... Nem vejo um palmo adiante o nariz...

Não, seu patife? Brada-lhe uma voz medonha, de alguém que o agarra violentamente.

Pois já li's abro...

Terrível lição. O pobre do homem sentio no gaseito mto vigorosa que exercia sobre elle vin-gança brotissima e atroz...

Suava já por todos os poros. Conhecía-se que eram antigas aquellas contos que se estavam ajustando sobre as costas d'elle. Provou-o exhuberantemente o desgraçado.

Foram dois mezes que elle esteve de cama. Tal foi a tosa... Valentissimas bordoadas... Mais tarde, porem, teve a satisfação de ouvir o seu terrível algoz, confessar-lhe arrependidissimo, que o tomara por certo magnate, que ha tempos lhe andava desinquietando a filha do bom caminhão, e que o desancou a elle por engano... E teve a abnegação sublime de chamar-se a si proprio, repetidas vezes, bruto e animal, no que seja dito á boa parte, não fez favor nenhum.

Mal entrado em convalescença, tentou ainda outra metamorphose: deitou abaixo o bigode e ficou parecendo um menino de côro.

Aos que o chasqueavam por essas repetidas mudanças de barba, que o desfiguravam até aos olhos dos proprios amigos, respondia sorrindo:

—Eu cá me entendo...

—Novo equívoco.

Certa manhã foi á frequencia procurar o parcho para informar-se de algumas familias pobres que desejava soccorrer. Como não estivesse presente o pastor, sentou-se ao canto da sacristia esperando que elle viesse. Quasi ao mesmo tempo, arrasta-se para elle, lacrimosa, contristada e gosmenta, uma creatura illuz; apellha, faz o signal da cruz e estendo-lhe era attitud supplecante as mãos descarnadas e nervosas.

Conlloa-se, vê lagrimas n'aquelles olhos que qoo se estavam a murmur prematuramente sob as orlitas: tira da algibeira uma pequena moeda de prata e diz-lhe:

—Tome-la, mulher, e Deus a favoreça.

A mulher afasta com religiosa piedade á mão bemfazeja e responde entre lagrimas.

—Não é a escola de seu diabo que venho pedir mas a do seu perdão Sr. padre prior.

—Padre prior?

—Pois não é V. Rev. o Sr. padre prior?

—Uma destas nem cura tem, quanto mais prior, grita elle, querendo levantar-se d'alli.

—Valha-me as Chagas de christo, exclama es-

tantada a bosta, levantando-se e banando-se tres vezes, como pretendendo afastar do si algum espirito mau. Queira V. Rev. perdoar se o offendi, mas pelas dores da Virgem lha juro que nunca em minha vida vi cara mais parecida com a do meu prior.

Não mentia a velha, porque a esse tempo, estavam ja na sacristia uns sujeitos serios, os quaes participando do mesmo engano do penitente, se dirigiram a elle com o maior respeito, para que elle abrisse o assento do baptismo de uma creança que traziam ao gremio da igreja. Desenganados estes, entram ainda outros, para que os desobrigasse, e por ultimo, já no guarda-vento um saioio perguntou-lhe de fugida se elle tinha alguma intenção para o dia seguinte:

—Não senhor!

—E abençoe V. Rev. de alguém que me diga amanhã uma missa por alma da pessoa de minha obrigação?

—Sei cá disso!

—Eh! Inté faz incrível... um padre assim!

—O' homem, tucon-lhe o outro já arreliado, faz favor de me dizer ouda é que eu tenho a corôa?

—E esta! Pois sempre lhe digo que a eccleci-mece para padre só lhe faltava isso!

E destas, outras muitas lhe succederão.

Ainda agora, quando elle cumprimenta os amigos, acrescenta sempre por gracejo—o como para prevenir equívocos.

—Creado seu, sem engano desta vez.

Está em diâ, que, se destas casos se dessem com impertinente frequencia, muito e com toda a gente, um só meio haveria de os evitar, e era, a semelhança dos escrivães que reconhecem as firmas de cada individuo, estabelecer tambem outros que reconhecessem as caras.

E não está longe o tempo em que a dignidade humana ha de reclamar um tabeleão d'estas, como outr'ora a honra da firma reclamou o tabeleão publico do notas. A tá anal ha de pedir este auxilio á fe austera dos contractos, e tudo isto por causa das muitas caras safadas que enxada-mos este mundo sublinar e se confundem com as dos homens de bem.

(Extrahida)

Fóra de proposito.

Recetta e despesa da extincta sociedade de Minerva...

RECEITA

Dinheiro recebido do Canuto.....	6.740
Mensalidades de certos socios até agosto.....	12.000
Idem até o mez de setembro.....	10.000
Jóias e mensalidades dos socios que entrarão em 26 de setembro.....	20.000
Idem dos que entrarão em 9 de outubro.....	42.000
Idem dos entrados em 19 de outubro.....	42.000
Dinheiro recebido para o pagoda de 19 de outubro, epocha em que morreu a sociedade.....	51.000

Somma 189.740

DESPESA

Dinheiro ao sr. Cancio para agud e grz....	8320
Idem ao sr. Baptista.....	26000
Idem ao sr. Cancio.....	65480
Idem ao sr. João Paes.....	23500
Idem ao sr. Manuel J. Costa.....	83000
Idem ao sr. Cancio para alfinetes.....	8320
Idem ao sr. Sizinio, aluguel da casa em que funcionava a sociedade desde 5 de setembro do anno p. até 12 do corrente.....	918200
Idem ao sr. Tactio.....	86740
Idem ao sr. Cancio.....	38500
Idem ao sr. Antonio Pedro.....	65040
Idem ao sr. Jese Gomes.....	38000
Idem ao sr. Constantino Moura.....	18920

Idem para duas brindejas de doce á viuva Damazio

403000

Idem ao sr. Costa para levantar a parada

123000

Somma

1893020

Saldo existente

6720

Esta tacla documentada. Aracaju 19 de Fevereiro de 1876.

O thesoureiro da Minerva.

ATENÇÃO

Coma teve Papet.
Seu infernal Cabrião.
E de hum que o senhor Odris
Tenha tambem seu Tyllan.
Embora enculto na véo
Do covarde tabarão.

EDITAL

O aferidor dos pesos e medidas do systema actual declara aos srs. commerciantes desta Capital, que se achá aberta a aferição de hoje em diante, na casa da camara municipal, das 3 h oras da tarde até as 6, isto por espaço de 30 dias.

Aracaju 8 de Fevereiro de 1876

ANNUNCIOS

Nesta typographia se dirá quem vende uma casa de toipa e telha á rua de S. Luzia nesta cidade por preço commodo.

Nesta typographia se dirá quem vende duas carroças usadas e dois animaes proprios para puchar as mesmas, por preço commodo.

Nesta typographia vende-se cordas para panno; numerção completa.

A ORDEM

Publica-se uma vez por semana.

ASSIGNATURA PARA A CAPITAL

Por um anno.....65000

Por seis mezes.....32000

Por mez.....3300

PARA FORA

Por um anno.....75000

Por seis mezes.....35500

Folha avulsa.....100

Publicações de qualquer natureza que seja, por convenção.

TYP. DA=ORDEM=RUA DE MAROIM.n.13